

## COMPORTAMENTO

34

## NOTA 10 em



## solidariedade

POR Carolina Morgado - carolina.morgado@kzuka.com.br

Promover a solidariedade e estimular o encontro de diferentes realidades faz parte da missão dos colégios do Rio. Além de disciplinas obrigatórias ensinadas em sala de aula, os alunos estão aprendendo outras lições, igualmente importantes. O Kzuka foi conferir de perto os projetos sociais realizados pelas escolas e garante: elas têm tirado nota dez no quesito solidariedade. Boa, galera!



## COMPORTAMENTO

35

## Colégio Cruzeiro

Com o objetivo de ajudar a quem precisa, estudantes do Colégio Cruzeiro se uniram para formar um grupo de voluntariado. O que começou de forma simples e sem grandes perspectivas virou um projeto de peso, com 118 alunos voluntários e 11 professores de diferentes disciplinas. O Departamento de Ação Social (DAS), coordenado por Thiago Villela, professor de Geografia, só pôde existir devido à força de vontade dos alunos:

– Nas aulas, falava muito sobre as desigualdades. Isso fez com que eles quisessem sentir, na prática, o que eu questionava na teoria. A ideia de formar um grupo de voluntariado partiu dos próprios alunos. O primeiro passo foi realizado dentro do colégio, com os funcionários da manutenção, que ganharam atividades culturais desenvolvidas especialmente para eles. Outros estudantes começaram a se juntar e, então, a escola me convidou a criar o DAS. Com o progresso do projeto começaram também diversas outras atividades. Entre elas, visitas aos pacientes do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Instituto). Lá, os estudantes socializam e ajudam no tratamento dos internos. Quem participa garante que é uma experiência única, que só traz benefícios.

– É gratificante, cresci muito como ser humano. Esse convívio com as pessoas internadas no Instituto nos fez ver o quanto somos privilegiados e, às vezes, nos queixamos da vida à toa. Lá, também escrevemos cartas e cartões aos familiares dos pacientes incapacitados por problemas motores – explica Gabriel Léccas, do 2º ano.

As coordenadoras do voluntariado do Instituto, Alessandra Cabral, Alessandra Araújo e Isabela Duarte, afirmam que o contato entre os alunos e os pacientes é excelente no tratamento. – Adolescente é barulhento por natureza. Eles são alegres e trazem muita energia boa. E, para os alunos, é uma ótima experiência de vida. Os professores comentam que eles amadurecem bastante depois do voluntariado – conta Alessandra.



Isabela, Tereza, Maria Helci, Lucas, Thiago, Gabriel, Alessandra, Yasmim e Rafaella: voluntários do Cruzeiro

## Colégio Santo Inácio

Ensinar a alguém que tem dificuldade. Esta é a proposta do Colégio Santo Inácio com o Curso Noturno. Nele, os alunos atuam como monitores, mas não são os responsáveis por preparar as aulas de monitoria. Os professores organizam o material didático. A função dos alunos-monitores é auxiliar nos exercícios e tirar dúvidas dos trabalhadores matriculados no curso. Além das Classes de Alfabetização ao Ensino Médio, os alunos podem se aprimorar em cursos profissionalizantes: Administração, Enfermagem e Análises Clínicas.

– É uma troca legal. Eles ficam bem à vontade comigo porque ainda sou aluna. Brinco dizendo que nenhuma dúvida é burra. Meu critério de escolha para a matéria que vou ajudar no monitoramento é a necessidade deles. Já estou há dois anos no projeto. O que me emociona é ver a evolução de cada um – diz Cecília, do 2º ano, que já chegou a ganhar flores e chocolate no Dia dos Professores.



Cecília, Natália e Nathália, voluntárias do Santo Inácio

Voluntários do Colégio Liessin



## Colégio Liessin

Ajudar também é o lema do grupo de ação social do Ensino Médio do Colégio Liessin. Em parceria com os alunos voluntários, a escola organiza campanhas de apoio às pessoas carentes. No começo do ano, as unidades de Botafogo e Barra arrecadaram material escolar para doar e, desta vez, a segunda campanha do Projeto Tzedaka recolheu alimentos não perecíveis para o Instituto Ronald McDonald, que cuida de crianças com câncer.

O objetivo é fazer com que mais alunos participem a cada nova campanha. O coordenador de projetos Rafael Bronz acredita que o trabalho voluntário não só estimula o orgulho dos alunos pela escola, como os tornam mais humanos.

– Somos contrários aos projetos voluntários em que os alunos bagunceiros são convidados a participar, como uma punição. Queremos estimular a solidariedade de forma natural. Participa quem quer. O resultado tem sido bem satisfatório – explica Rafael. A paixão pelas ações sociais é tão contagiante que até quem já está na faculdade continua envolvido. É o caso da ex-aluna Karla Bohac, de 21 anos, que ajuda Rafael na coordenação dos projetos. Cursando o sétimo período de Psicologia, ela acredita que o trabalho como voluntária pesou na hora de escolher a profissão:

– No meu ano fiquei com as crianças menores na recreação. Contava histórias para elas. Isso tem tudo a ver com minha opção de virar psicóloga. Consigo observar que muitos alunos estão tão envolvidos que vão acabar voltando, como eu.

Uma delas, quem sabe, pode ser Rafaella, do 1º ano:

– Pretendo nunca parar com o voluntariado. A gente aprende muito. Há uma troca boa.